

SUMÁRIO

<i>Prefácio à edição em português</i>	7
<i>Prefácio do autor</i>	9
<i>Reduções gráficas</i>	11
<i>Introdução</i>	17
1. Esboço literário da narrativa de viagem (documento de Jerusalém) (Lc 9.51—19.48)	37
2. Os dois devedores (Lc 7.36-50)	47
3. A raposa, o funeral e o arado (Lc 9.57-62)	77
4. O bom samaritano (Lc 10.25-37)	93
5. Exegese de Lucas 11.5-13	127
6. O rico insensato (Lc 12.13-21)	153
7. Pilatos, a torre e a figueira (Lc 13.1-9)	177
8. O grande banquete (Lc 14.15-24)	197
9. A ovelha, a moeda e os dois filhos perdidos (Lc 15)	233
10. Exegese de Lucas 16.1-13	309
11. O servo obediente (Lc 17.7-10)	349
12. O juiz e a viúva (Lc 18.1-8)	367
13. O fariseu e o publicano (Lc 18.9-14)	387
14. O camelo e a agulha (Lc 18.18-30)	409
<i>Conclusão</i>	429
<i>Bibliografia selecionada</i>	431

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Com o lançamento do livro *Parábolas de Lucas*, Edições Vida Nova oferece aos leitores da Bíblia um tratado sério e extenso sobre as parábolas de Lucas. Pesquisas preliminares dão motivos para crer que esta obra inédita, e sem outra igual, será a que mais encantará aqueles que tiverem suficiente interesse para ler, por exemplo, algumas páginas acerca da Parábola do Mordomo Infiel.

O autor, Kenneth E. Bailey, filho de missionários no Oriente Médio, preparou-se bem para a tarefa de interpretar estas histórias do Mestre que desafiaram aos mais destacados estudiosos do Novo Testamento como C. H. Dodd, J. Jeremias, e outros. Além de se aprofundar na vasta literatura, manteve a convicção de que o caminho mais correto para se atingir o significado das parábolas seria através de um estudo literário-cultural. Com facilidade na língua árabe, Bailey pesquisou, além dos autores modernos, os comentaristas do Oriente Médio que lutaram para entender a mensagem das parábolas através da era cristã. Esforçou-se para evitar conclusões sem primeiro ouvir os camponeses que ainda hoje vivem num ambiente cultural semelhante àquele da Terra Santa nos tempos de Jesus.

Recomendamos este livro aos estudantes da Bíblia e aos professores de Novo Testamento que procuram dar aos seus alunos uma compreensão cada vez mais acurada do pano de fundo das Escrituras. Recomendamos, também, aos pastores que amam o estudo das parábolas e que se sentem atraídos a pregá-las com a sua vitalidade e impacto originais. Este livro também deve ser lido por aqueles que nunca se satisfizeram com explicações “água com açúcar” acerca dos textos bíblicos que tanta profundidade contêm.

A Deus damos toda a glória!

PREFÁCIO

O compositor faz uma canção, e a obra está terminada. O escultor cinzela o seu mármore, e um dia a estátua está acabada. Mas a tarefa do exegeta nunca tem fim. Ele pode somente parar para registrar, um tanto temerosamente, as suas descobertas, em certo ponto cronológico, com a oração para que elas possam ter alguma utilidade para outras pessoas, e para que ele tenha sido fiel ao que até então lhe fora dado. Estes são os nossos sentimentos ao trazer a lume estes estudos. Estudiosos mais sábios e mais cultos trilharam o mesmo caminho antes de nós, e outros nos seguirão. As parábolas de Jesus não desvendam todos os seus segredos a ninguém. Tão somente podemos convidar o leitor a se juntar a nós no caminho que tivemos o privilégio de palmilhar durante vinte e cinco anos, com a esperança de que o leitor encontrará sentido na direção desta viagem.

O sistema de notas utilizado neste estudo teve como intenção tornar as fontes mais facilmente identificáveis para o leitor e, ao mesmo tempo, economizar custos de impressão. Todos os livros citados no texto são mencionados pelo autor na Bibliografia. No caso em que mais de uma fonte é citada, de um único autor, uma palavra-chave tirada do título é mencionada no texto. No caso da Mishna, citamos o tratado como referência, bem como a página apropriada na edição Danby. Quanto ao Talmude, fizemos o mesmo para a edição Soncino, editada por Epstein. Os ensaios citados de *The Jewish people in the first century* (citado como *JPFC*) estão alistados juntos na Bibliografia. O mesmo foi feito em relação ao *Theological dictionary of the New Testament* (citado como *TDNT*). O grande comentário de Ibn al-Tayyib foi publicado em árabe no Cairo em 1908. Contudo, a edição foi teologicamente corrigida, como a introdução afirma. Assim sendo, usamos tanto o texto impresso quanto o Manuscrito Árabe 86 de Paris, como fontes para esta importante obra. As traduções e estudos da língua árabe são de responsabilidade do autor. Por causa da sua

extensão, pareceu-nos redundante acrescentar (“minha tradução”) a cada citação. A responsabilidade pela exatidão das traduções é somente minha.

A lista das pessoas que merecem a minha gratidão é longa demais para ser registrada. Quero aqui expressar a minha gratidão especial aos meus amigos árabes cristãos, do Sudão ao Iraque, que durante estas duas décadas me ensinaram mais do que eu lhes comuniquei. É necessário que se faça menção dos grandes eruditos árabes cristãos do passado, como Ibn al-‘Assâl, Ibn al-Salībī, e Ibn al-Tayyib. Estes e outros eruditos árabes cristãos do período medieval permanecem virtualmente desconhecidos; mas é ilimitada a nossa dívida para com eles, devido à tradução e aos comentários da Bíblia que realizaram. Somos gratos também ao Museu Britânico, à Biblioteca Nacional de Paris, e à Biblioteca do Vaticano, pelos microfilmes das obras neles contidos.

Uma palavra especial de agradecimento precisa ser dada ao bondoso povo da Igreja Presbiteriana de Santo Estêvão em Oklahoma City, Estados Unidos, que dedicadamente levantaram os fundos necessários para se adquirir a maior parte dos recursos para as pesquisas realizadas para este estudo. Além disto, eles propiciaram um estímulo envolvente e um encorajamento caloroso, quando da apresentação a eles, em forma de conferência, da maior parte deste material. Os meus colegas e alunos da Escola de Teologia do Oriente Próximo aqui em Beirute têm sido um constante fórum criativo de estudos das parábolas. Nenhuma palavra de agradecimento será adequada para expressar a minha dívida de gratidão à minha querida esposa, Ethel, que, além do seu amor, de suas críticas e encorajamento, corrigiu a minha abominável ortografia e datilografia, e preparou um manuscrito limpo e imaculado. A ela este livro é afetuosamente dedicado.

Beirute, Líbano
Outono de 1979.

REDUÇÕES GRÁFICAS

ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
Arndt <i>St. Luke</i>	William F. Arndt, <i>The Gospel according to St. Luke</i> (St. Louis: Concordia, 1956).
ATR	<i>Anglican Theological Review</i>
Bauer, A. G. <i>Lexicon</i>	W. Bauer, <i>A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> , trad. do alemão para o inglês e adaptado p. W. F. Arndt e F. W. Gingrich (Chicago: University of Chicago Press, 1957).
Bengel <i>Gnomon</i>	Johann A. Bengel, <i>Gnomon of the New Testament</i> , trad. p. o inglês p. C. T. Lewis e M. R. Vincent. 2 vols. (New York: Sheldon, 1963 [1742]).
Bishop <i>Jesus</i>	E. F. F. Bishop, <i>Jesus of Palestine</i> (London: Lutterworth, 1955).
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
Black <i>Aramaic Approach</i>	Matthew Black, <i>An Aramaic approach to the Gospels and Acts</i> , 3. ed. (Oxford: Clarendon, 1967)
Bornkamm <i>Jesus</i>	G. Bornkamm, <i>Jesus of Nazareth</i> , trad. p. o inglês p. Irene e Fraser Mac-Luzkey, da 3. ed. alemã (New York: Harper, 1960).
Bruce <i>Synoptic Gospels</i>	A. B. Bruce, <i>The Synoptic Gospels. The Expositor's Greek Testament</i> , vol. 1 (New York: Doran; Grand Rapids: Eerdmans, n. d.).
Bruce <i>Parabolic</i>	A. B. Bruce, <i>The parabolic teaching of Christ</i> , 3. ed. rev. (New York: A. C. Armstrong, 1890).

- Bultmann Rudolf Bultmann, *The History of the Synoptic Tradition*, trad. da 2a. ed. alemã p. o inglês p. John Marsh (New York: Harper, 1968).
Tadition
- Burney C. F. Burney, *The poetry of our Lord* (Oxford: Clarendon, 1925).
Poetry
- Cadoux A. T. Cadoux, *The parables of Jesus* (London: James Clarke, n.d.).
Parables
- Caird G. B. Caird, *The Gospel of St. Luke* (Baltimore: Penguin, 1963).
Luke
- CSQ *The Catholic Biblical Quarterly*
- Creed J. M. Creed, *The Gospel according to St. Luke* (London: St. Martin, 1930; New York: Macmillan, 1965).
St. Luke
- Crossan J. D. Crossan, *In Parables* (New York: Harper, 1973).
In Parables
- Daube David Daube, "Inheritance in two lucan pericopes", *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte, Romsnistische Abteilung* 72 (1955), p. 326-44.
"Inheritance"
- Derret J. D. M. Derret, "Law in the New Testament: the parable of the prodigal son," *NTS* 14 (1967), p. 56-74.
"Prodigal Son"
- Derret J. D. M. Derret, "Fresh light on St Luke XVI.1. The parable of the unjust steward," *NTS* 7 (1961), p. 198-219.
"Steward"
- Dodd C. H. Dodd: *The Parables of the Kingdom*, ed. rev. (London: Nisbet, 1961).
Parables
- ExpT *The Expository Times*
- Feldman A. Feldman, *The parables and similes of the rabbis*, 2. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1927).
Similes
- Fitzmyer J. A. Fitzmyer, "The story of the dishonest manager (Lk. 16.1-13)," *Theological Studies* 25 (1964), p. 23-42.
"Manager"
- Fletcher D. R. Fletcher: "The riddle of the unjust steward. Is irony the key?" *JSL* 82 (1963), p. 15-30.
"Riddle"
- Gächter P. Gächter, "The parable of the dishonest steward after oriental conceptions," *CSQ* 12 (1950), p. 121-31.
"Oriental"

- Giblin "Luke 15" Charles H. Giblin, "Structural and theological considerations on Luke 15", *CSQ* 24 (1962), p. 15-31.
- Godet *Sr. Luke* F. Godet, *A commentary on the Gospel of St. Luke*, trad. da 2a. ed. francesa p. o inglês p. E. W. Shalder e M. D. Cusin (New York: Funk & Wagnall, 1887).
- Goebel *Parables* Siegried Goebel, *The parables of Jesus*, trad. p. o inglês p. Professor Banks (Edinburgh: T. & T. Clark, 1883).
- Horowitz *Jewish Law* George Horowitz, *The spirit of Jewish law* (New York: Central Book, 1953).
- HUCA *Hebrew Union College Annual*.
- Jeremias *Jerusalém* Joachin Jeremias, *Jerusalem in the time of Jesus*, trad. p. o inglês p. F. H. e C. H. Cave; 3. ed. (Philadelphia: Fortress, 1969).
- Jeremias *Parables* Joachin Jeremias, *The parables of Jesus*, ed. ver. trad. para o inglês da 6. ed. alemã p. S. H. Hooke (London: SCM, 1963).
- Jeremias *Theology* Joachin Jeremias, *Theology of the New Testament* (New York: Scribner, 1971).
- Jones *Art* G.V. Jones, *The art and truth of the parables: a study in their form and modern Interpretation* (London: SPCK, 1964).
- JSS *Journal of Semitic Studies*
- JTS *Journal of Theological Studies*
- Jülicher *Gleichnisreden* Adolf Jülicher. *Die gleichnisreden Jesu*, 2 vols. (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1910).
- Kelley *Significance* Robert Kelley, "The significance of the parable of the prodigal son for three major issues in current synoptic study" (*tese de doutorado em filosofia não publicada*, Princeton: Princeton University, 1971).
- Leaney *St. Luke* A. R. C. Leaney, *A commentary on the Gospel according to St. Luke. Back's New Testament Commentaries*. 2. ed. (London: A. & C. Black, 1966).
- Levison *Local Setting* N. Levison, *The parables: their background and local setting* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1926).
- Linnemann *Parables* E. Linnemann: *Jesus of the parables*, trad. p. o inglês por John Sturdy (New York: Harper, 1966).

- Lund
Chiasmus N. W. Lund, *Chiasmus in the New Testament* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1942).
- Manson
Sayings T. W. Manson, *The sayings of Jesus* (London: SCM, 1937).
- Manson
Teaching T. W. Manson, *The teaching of Jesus*, 2. ed. (Cambridge: University Press, 1935).
- Miesner
Chiasm and Paul D. R. Miesner, "Chiasm and the composition and message of Paul's missionary sermons" (*tese de doutorado em teologia não publicada*; St Louis: Concordia Seminary in Exile, 1974).
- Miller
Luke Donald G. Miller, *The Gospel according to Luke* (Richmond: John Knox, 1959).
- Montefiore
Rabbinic C. J. G. Montefiore, *Rabbinic literature and Gospel teaching* (London: Macmillan, 1930).
- NTS
New Testament Studies
- Oesterley
Jewish Background William O. E. Oesterley, *The Gospel parables in the light of their Jewish background* (London: SCPK, 1936).
- Plummer
St. Luke A. Plummer, "The Gospel according to St. Luke", in: C. A. Briggs et. al. orgs., *International Critical Commentary*, vol. XXVII (New York: Scribner, 1906).
- Rengstorf
Re-Investitur K. H. Rengstorf, *Die re-investitur des verlorenen sohnes in der gleichniserzshlung Jesu Luke 15.11-32* (Cologne: Westdeutscher Verlag, 1957).
- Rihbany
Syrian A. M. Rihbany, *The Syrian Christ* (Boston: Houghton Mifflin, 1916).
- Sa'ïd
Luqa Ibrahim Sa'ïd, *Sharh Bisharat Luqa* (Beirut: Near East Council of Churches, 1970 [1935]).
- Scharlemann
Parables Martin H. Scharlemann, *Proclaiming the parables* (St. Louis: Concordia, 1963).
- B. T. D. Smith
Parables B. T. D. Smith, *The parables of the Synoptic Gospels* (Cambridge: Cambridge University Press, 1937).
- C. W. F. Smith
Parables C. W. F. Smith, *The Jesus of the parables* (Philadelphia: Westminster, 1948).

- Str.-B.* P. Billerbeck; H. Strack: *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, 6 vols.; 2. ed. (Munich: C. H. Beck, 1924, 1956).
- Stuhlmüller
Luke Carroll Stuhmüller, “The Gospel according to Luke”, in: Raymond E. Brown; Joseph A. Fitzmyer; Roland E. Murphy, orgs., *The Jerome Biblical Commentary* (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971), vol. 11, p. 115-64.
- TDNT *Theological Dictionary of the New Testament*, G. Kittel; G. Friedrich orgs., trad. p. o inglês e ed. p. G. W. Bromiley, 9 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1974).
- Thomson
The Land W. M. Thomson, *The land and the book*, 2 vols. (New York: Harper, 1871).
- Trench
Notes R. C. Trench, *Notes on the parables of our Lord* (New York: Harper/Revell, n.d.).
- Via
Parables D. O. Via, *The parables: their literary and existential dimension* (Philadelphia: Fortress, 1967).
- ZNW *Zeitschrift für die neutestamentliche wissenschaft und die kund der alteren Kirche.*

INTRODUÇÃO

Em recente artigo de crítica literária, Walter Brueggemann comenta o que ele chama de “crise de categorias” nos estudos bíblicos. Judiciosamente, Brueggemann observa:

Qualquer pessoa que procura ensinar a Bíblia em uma sala de aulas, hoje em dia, percebe a impaciência dos alunos para com os métodos escolásticos que parecem pedantes e aparentemente preocupados com questões periféricas, não penetrando nos desfechos decisivos do material¹.

Ele expressa uma preocupação com “a vitalidade e dinâmica do texto”². Este estudo é uma tentativa de usar métodos escolásticos, porém, mesmo assim, alcançar “os desfechos do material”. Ele é escrito a partir do “círculo hermenêutico”, isto é, de dentro da família da fé para a comunidade de crentes, com a fervorosa esperança de recuperar pelo menos parte da “vitalidade e dinâmica do texto” que se encontra disponível quando visto a partir da perspectiva cultural do Oriente Médio. Quando esse mundo do Oriente Médio é levado a sério em termos de forma tanto quanto de conteúdo, uma percepção nova e mais profunda se torna disponível. A redescoberta dessa percepção é o objetivo deste estudo. A comunidade da fé no contexto da qual estou escrevendo é a árabe cristã do Oriente Médio. Tenho vivido, trabalhado e adorado no contexto desta comunidade, durante cerca de trinta anos. Embora as questões críticas não sejam evitadas, o nosso intento não é revisar e debater todas as opiniões eruditas ocidentais recentes. Assim, grande parte da documentação que se espera encontrar em uma publicação técnica, o leitor não encontrará neste trabalho. A minha

¹W. Brueggeman, “The Bible and the consciousness of the West”, *Interpretation* 29 (1975), p. 432.

²Ibidem.

dívida de gratidão para com o trabalho de outros autores não pode ser adequadamente expressa em palavras; pelo contrário, o nosso objetivo aqui é introduzir na discussão *novos dados*, e não comentar opiniões interpretativas já conhecidas.

A maior parte do trabalho erudito existente a respeito das parábolas se concentra na questão redatorial de como um evangelista em particular usa, molda ou cria o material, colocando-o a serviço dos seus interesses teológicos, para suprir necessidades determinadas na igreja da sua época. Neste estudo tentaremos examinar treze das parábolas de Jesus, como estórias palestinas no contexto do ministério de Jesus. Pode-se alegar que este material foi criado ou moldado de maneira significativa pela comunidade palestina, em seu afã de obedecer ao Senhor ressurreto, que continuou a ensiná-los pelo Espírito. Como já o afirmou Bultmann, o material que emerge do Jesus histórico é culturalmente indiferenciável de qualquer criação da comunidade palestina.³ Não obstante, depois de viver muitos anos em uma comunidade agrícola do Oriente Médio, cujas tradições têm sido transmitidas oralmente, não encontramos razão convincente para questionar a autenticidade básica das parábolas, como parábolas de Jesus de Nazaré. O material é palestino. Sem dúvida esse material foi usado novamente pelos evangelistas, tendo em vista os seus objetivos teológicos característicos. Mas a nossa opinião é de que esse segundo uso do material não obscurece significativamente o intento original do material, que pode ser determinado quando se examina cuidadosamente a cultura subjacente e a forma literária dele. A busca redatorial da teologia dos evangelistas é uma persecução válida digna de muito esforço, mas este não é o nosso interesse aqui. Pelo contrário, o alvo da nossa inquirição é o contexto palestino, juntamente com o conteúdo teológico eterno dessas parábolas. Este estudo é escrito a partir de uma profunda convicção de que a forma literária e a cultura subjacente às parábolas precisam receber uma atenção maior do que têm recebido até agora nos estudos contemporâneos. Esperamos que o que está sendo apresentado seja compreensível para o não-especialista, tanto quanto de algum interesse para o especialista.

Antes de passarmos à tarefa proposta, umas poucas definições são necessárias, bem como alguma atenção à metodologia. Inicialmente precisamos fazer a difícil pergunta: “Afinal de contas, o que é uma parábola?”

³Rudolph Bultmann, *Jesus and the Word* (New York: Charles Scribner's Sons, 1958 [1934]), p. 12-4.

O QUE É UMA PARÁBOLA?

Um longo debate cerca esta interrogação. Um estudioso admitirá haver mais de setenta parábolas nos Evangelhos Sinóticos, ao passo que outro as limitará a trinta. Classificações como de parábola, exemplo, símile, etc., são distinções conhecidas que têm sido usadas pelos intérpretes para classificar os tipos de parábolas. Ao mesmo tempo, Jeremias, o intérprete de parábolas mais influente do século 20. observou:

Esta palavra (parábola) pode significar, na linguagem comum do judaísmo pós-bíblico, sem que se recorra a uma classificação formal, formas figurativas de linguagem de todos os tipos: parábola, símile, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, enigma, símbolo, pseudônimo, pessoa fictícia, exemplo, tema, argumento, apologia, refutação, anedota.⁴

Tendo isto em mente, preferimos verificar a maneira como uma parábola funciona no texto do Novo Testamento, e não nos concentrarmos em seu tipo. Quando fazemos isso, torna-se imediatamente claro que as parábolas não são ilustrações. Manson declarou este princípio da maneira mais profunda, quando observou que “as mentes treinadas segundo o padrão ocidental de pensamento” estão acostumadas a argumentos teológicos expressos em abstrações. E então, para ajudar a “popularizar essas conclusões”, elas podem ser ilustradas com temas da vida comum. Porém, diz Manson:

A verdadeira parábola ... não é uma ilustração para ajudar a esclarecer uma discussão teológica; pelo contrário, é uma forma de experiência religiosa.⁵

Uma parte do que entendemos que Manson está dizendo pode talvez ser enxergado melhor se criarmos uma comparação. Em Lucas 9.57,58 o texto diz: “Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores”. Se Jesus fosse ocidental, pode ser que respondesse mais ou menos assim:

É fácil fazer declarações ousadas, mas você precisa considerar seriamente o que lhe custará me seguir. Parece evidente que até agora você não o fez. Preciso dizer-lhe claramente que não lhe posso oferecer salário nem segurança alguma.

⁴Joachim Jeremias, *The parables of Jesus* (London: SCM, 1963), p. 20

⁵T. W. Manson, *The teaching of Jesus*, 2. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1935), p. 73.

Se as minhas palavras ainda não estão claras, talvez uma ilustração ajude: por exemplo, eu nem possuo cama onde dormir.

Mas Jesus responde:

As raposas têm seus covis
e as aves do céu, ninhos;
mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.

Ao invés da declaração abstrata seguida de uma ilustração elucidadora, temos uma confrontação dramática, expressa com brevidade em termos inesquecíveis. Uma afirmação sublime a respeito da pessoa de Jesus permeia a resposta parabólica. Um impacto é causado no ouvinte/leitor que demanda uma reação. As implicações teológicas obrigam a mente a sair deste centro compacto, em inúmeras direções. Não foi registrada a resposta do discípulo original. O leitor precisa responder agora. Tudo isto acontece a uma só vez, em uma confrontação intensa e dramática. Uma parábola foi proferida! Presumir que podemos capturar tudo o que acontece em uma parábola em uma definição abstrata é entender mal a sua natureza. Entretanto, precisamos tentar.

As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino deve agir. Tendo em mente essa definição, precisamos perguntar em seguida onde se encontram as parábolas.

AS PARÁBOLAS ESTÃO ONDE VOCÊ AS ENCONTRA

Há pelo menos seis tipos diferentes de formato em que as parábolas de Jesus funcionam. Para a sua interpretação, é essencialmente importante verificar como elas funcionam nessas diferentes definições. Esses seis tipos são:

1. Parábola em um diálogo teológico.
2. Parábola em um evento narrativo.
3. Parábola em uma história de milagre.
4. Parábola em uma coleção topical.
5. Parábola em um poema.
6. Parábola sozinha.

Cada um desses tipos requer um breve exame. O *primeiro* é a *parábola em um diálogo teológico*. Um exemplo desse tipo é a discussão teológica entre Jesus e o jovem rico em Lucas 18.18-30. Como observaremos, o clímax da discussão ocorre quando Jesus conta a Parábola do Camelo e da Agulha. Ela tem uma função importantíssima de formar o clímax de toda a discussão e não pode ser isolada desta.

O banquete na casa de Simão, o fariseu, em Lucas 7.36-50 é um exemplo de *parábola em um evento narrativo*. A Parábola do Credor e seus Dois Devedores funciona como parte do evento narrativo. Há diálogo, mas as ações dramáticas da mulher silenciosa são o centro de toda a cena.

A história da cura da mulher que tinha um espírito de enfermidade, em Lucas 13.10-17, torna-se um debate teológico entre o chefe da sinagoga e Jesus, e desta forma também se sobrepõe ao tipo um, citado acima. Não obstante, é em uma *história de milagre* novamente que a Parábola do Boi e do Jumento funciona como parte essencial do todo.

Em Lucas 11.1-13 temos uma *coleção topical* a respeito do assunto da oração. A parábola do Amigo à Meia-Noite (Lucas 11.5-8) faz parte dessa coleção. Precisa-se fazer uma cuidadosa distinção numa coleção como esta, entre as diferentes unidades de tradição que são incluídas em uma coleção. Ou seja: porque determinado número de elocuições acerca de certo tópico são agrupadas, é fácil deixar de perceber onde devem localizar-se os inícios de novos parágrafos, e desta forma interpretar o material erradamente.⁶

Ocasionalmente, como em Lucas 11.9-13, temos *um poema* cuidadosamente composto a respeito de oração. Jesus apresenta três parábolas impressionantes na estrofe central do poema.⁷ A função delas é que esse clímax é a chave para se entender todo o poema.

Finalmente, por vezes, uma parábola apresenta-se sozinha. Em Lucas 17.1-10 temos três tópicos em rápida sucessão, cada um dos quais contendo algum elemento parabólico. Há a Parábola da Pedra de Moinho, e o tópico do julgamento do tentador. Esta é seguida pela Parábola do Grão de Mostarda e o pedido dos apóstolos desejando fé. Depois vem a dramática Parábola do Servo Obediente nos versículos 7-10. Essas três parábolas apresentam-se relativamente sozinhas, sem conexão clara com o que as rodeia, e sem contexto específico.

⁶Veja p. 144s, 337s.

⁷Veja p. 144-152.